

A Génese da *Bildung* e do Género nos Textos Autobiográficos de Adão e Eva: Os Contos-Diário Bíblicos de Mark Twain



Rogério Miguel Puga | CETAPS-FCSH, Universidade Nova de Lisboa/FCT, Portugal

Os textos de temática bíblica de Mark Twain apenas foram publicados na íntegra em 1995 na antologia *The Bible According to Mark Twain* preparada por Howard G. Baetzhold e Joseph B. McCullough. As micro-narrativas redigidas ao longo de um período de 40 anos apresentam, de forma humorística, pontos de vista de personagens bíblicas como Adão, Eva, o Diabo, Matusalém e Sem. Ocupamo-nos apenas dos contos redigidos pelo casal genesiaco, nos quais analisamos a forma como o género, ou seja a feminilidade e a masculinidade, bem como a aprendizagem informal dos narradores-protagonistas (enquanto crianças adultas, cientistas e pais) são representados antes e após a Queda do Paraíso. Começamos então por analisar o contexto de produção desses textos e a forma como os diferentes temas e personagens bíblicos vão invadindo a Obra de Twain.¹

O primeiro texto genesiaco do autor, “Adam’s Expulsion”, é apenas publicado em 1995 (Baetzhold e McCullough 113-115), tendo sido redigido em 1877 em forma de desculpa a uma amiga por o autor ter adiado a descrição da sua viagem ao lago Séneca (New York Finger Lakes) e não se recordar mais da expedição. O breve texto resulta do pedido dos filhos, dos netos e de todos os descendentes de Adão para ele registar por escrito a sua vida com Eva no

Citação: Rogério Puga, “A Génese da *Bildung* e do Género nos Textos Autobiográficos de Adão e Eva: Os Contos-Diário Bíblicos de Mark Twain”. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos / An Anglo-American Studies Journal*. 3rd series. 2 (2013): 4-47. ISSN:1646-4728. Web: <http://ler.letras.up.pt/>.

Paraíso. À semelhança do autor ficcionalizado no prefácio do exercício literário, o narrador Adão sofre de procrastinação e adia a escrita autobiográfica, como o comprova a repetição dos dois primeiros parágrafos. A construção do resto do texto assenta na mistura (algo exaustiva) de sucessivas frases bíblicas, estratégia que confere um cariz humorístico à narrativa. Adão vai envelhecendo enquanto sucessivas gerações lhe pedem, em vão, para ele escrever as suas memórias, tornando-se a procrastinação o tema principal dessa “parábola” (Twain 1996: 115) e uma das principais características de Adão, que mais tarde acabaria, tal como Eva, por escrever o seu diário. Dois anos depois Twain organiza, em forma de brincadeira, uma petição ao Congresso para construir uma estátua em honra de Adão em Elmira (Nova Iorque), terra da sua mulher, projecto que cai por terra, mas que ecoa ficcionalmente no conto “Monument to Adam” e no discurso “On Adam” que em 1883 o autor apresenta perante a Royal Literary and Scientific Society em Otava.

Twain redige “Extracts from Adam’s Diary” na Itália, no final de 1892, e mais tarde transforma o texto e localiza a acção nas cataratas do Niágara ao receber uma proposta para participar no volume dirigido por Irving S. Underhill sobre as cataratas (*The Niagara Book*) que promoveu a atracção natural na International Columbian Exposition de 1893 em Chicago. O conto foi depois revisto e publicado em 1897 na edição britânica de *Tom Sawyer, Detective, As Told by Huck Finn, and Other Stories* sem as referências às cataratas e com uma conclusão mais “eficaz” (Baetzhold e McCullough, *The Bible According to Mark Twain* xvii, 5). O autor deu instruções para que essa fosse a versão definitiva, mas tal não aconteceu, sendo apenas publicada em 1995 por Baetzhold e McCullough (Emerson *Mark Twain: A Literary Life* 281-282). Mesmo edições recentes como a da Hesperus (2002) publicam a versão do *The Niagara Book* e não o texto revisto por Twain. A versão do “Diário de Adão” de 1893 contém várias referências às cataratas ou quedas de água do Niágara (*Niagara Falls*). O topónimo inglês

possibilita o trocadilho com a ‘queda’ de Adão e Eva, que é atribuída não à maçã, mas à acção de um velho castanheiro (Twain, *The Bible According to Mark Twain* 282)² e a Adão por ter brincado com a criação divina ao afirmar que as cataratas (*Falls*) seriam ainda mais fantásticas se a água caísse para cima (283). O romancista não inclui na versão revista esses elementos que acentuam o efeito cómico e o *pathos* de Adão e Eva, vítimas inocentes de uma proibição que não compreendiam (Wright 40, McCullough, “Mark Twain’s First Chestnut” 55).

Por volta de 1901 Twain redige a versão original de “Autobiography of Eve”, exercício literário que nunca é terminado e que dialoga intertextualmente com “Letters from the Earth” sobretudo no que diz respeito à leitura (do Diabo) sobre a Queda como resultado da curiosidade e ignorância do casal genesíaco. A “Autobiografia” é parcialmente publicada em 1962 por Bernard De Voto na antologia *Letters from the Earth* e a sua versão oficial é publicada na íntegra com outros textos de Eva (“The Autobiography of Eve and Diaries Antedating the Flood”) em 1995 por Baetzhöld e McCullough (*The Bible*, 35-84, 263-274).

No início de 1905 Twain redige “Adam’s Soliloquy”, e em Dezembro desse ano a edição especial de Natal da *Harper’s Magazine* publica “Eve’s Diary”, que é publicado com “Adam’s Diary” em 1931 e de novo em 2002 em *The Diary of Adam and Eve and other Adamic Stories* pela Hesperus, edição essa composta pelos seguintes textos: “The Diary of Adam and Eve” (“Part I: Extracts from Adam’s Diary”, “Part II-Eve’s Diary”), “Extract from Eve’s Autobiography”, “Passage from Eve’s Autobiography”, “That Day in Eden”, “Eve Speaks”, “Adam’s Soliloquy” e “A Monument to Adam”. “Extracts from Adam’s Diary” é originalmente publicado em *The \$30, 000 Bequest and other Stories* (1906), “That Day in Eden”, “Eve Speaks”, (c. 1900)³ e “Adam’s Soliloquy” (1905) aparecem em *Europe and Elsewhere* (1923) e “A Monument to Adam” (1905), “Extract from Eve’s Autobiography” (c. 1905) e “Passage from Eve’s Biography” em *Letters from the Earth*.

Ao longo dos textos de que nos ocupamos Twain reelabora e parodia várias vezes o tema bíblico do Éden,⁴ dando lugar a um intrincado exercício de intertextualidade⁵ sem que, como veremos, a paródia e o humor esbatam as reflexões das personagens sobre a natureza e a condição humanas. Como é sabido, a intertextualidade já marca o texto bíblico original que dá origem aos contos de Twain, pois o Génesis reescreve relatos sobre a criação do mundo e o dilúvio oriundos de vários períodos e culturas, nomeadamente da Babilónia e da Suméria (Alter 1-24, Fokkelman 36-55). Através destes originais exercícios literários o romancista critica a Bíblia e as interpretações dogmáticas da mesma ao tirar partido de episódios conhecidos desse livro como: a criação de Eva a partir da costela de Adão, a tentação por parte da cobra, a transgressão, a Queda, a expulsão do Éden e a constituição da primeira família à face da Terra. Por outro lado, os enredos dos vários contos humanizam a Bíblia e textualizam-na através da (re)ficcionalização das suas personagens (já de si ficcionais). Ao estudar a representação de Adão na literatura ocidental, York (20-21) e Wright (27-38) concluem que Twain é um dos autores norte-americanos que mais uso faz da tradição dessa figura bíblica, quer nos textos de que nos ocupamos, quer também, de forma simbólica,⁶ em *The Innocents Abroad* (1869) e sobretudo em *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) e *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884), romances em que as imagens do mundo edénico (inocente) são centrais nas experiências formativas dos jovens protagonistas que recusam ser “civilizados”. Num outro estudo sobre a imagologia literária do Éden, Merchant (22-24) aborda a representação da hierarquia do género (*gender*) no “Livro do Génesis” e afirma que o binómio hierárquico masculino/feminino codificado nesse texto bíblico influencia a socialização dos jovens Adão e Eva através de padrões de comportamento impostos: “Eve, after ingesting the fruit, is told she will be ruled by her husband, and the conflation of animals with women as helpmates is also explicit. In all versions of the story, Eve became Adam’s “wife”

after the two became one flesh, and she is to be “ruled over” or “dominated” by her husband after she disobeys God” (24). Ao longo do nosso estudo abordaremos esses mesmos conceitos de socialização e formação (*bildung*) no que diz respeito às personagens em questão, bem como a relação dos protagonistas no Paraíso e depois da Queda, momento após o qual o Éden é reinterpretado com uma certa distanciação crítica pelo casal. Torna-se desde cedo óbvio que os textos de que nos ocupamos parodiam a Bíblia através da desconstrução humorística, da ironia e da apresentação de histórias alternativas que colocam as personagens do Velho Testamento em diálogo quer entre si - por exemplo Adão, Eva, os filhos do casal, o Diabo e Noé - quer com os seus descendentes do século XX. Se a paródia se apropria de textos preexistentes para os deformar, imitar, desenvolver, ridicularizar e para lhes subverter o sentido através da ironia, não tendo que conservar a ideologia dos textos originais (Ceia 221-225), os textos de Twain parodiam sobretudo o “Gênesis”, como é óbvio logo à partida, e tornam os seus protagonistas (ainda) mais humanos.

Na edição revista do “Diário de Adão” uma nota prévia do narrador informa o leitor:

I translated a portion of this diary some years ago, and a friend of mine printed a few copies in an incomplete form, but the public never got them. Since then I have deciphered some more of Adam’s hieroglyphics, and think he has now become sufficiently important as a public character to justify this publication. M. T. (Twain, *The Bible* 8).

Esse elemento paratextual estabelece, desde logo, um contrato de leitura marcado pelo humor, pois Samuel Langhorne Clemens assina a nota com as iniciais do seu pseudónimo e remete para a sua tarefa de tradutor do diário original de Adão. De acordo com “M. T.”, enquanto editor-tradutor, inicialmente

o público não recebera essa primeira ‘tradução’ de cariz parodístico da melhor forma. No entanto, no momento da escrita do ‘aviso’ que acabámos de transcrever, o Adão de Twain já se tornara uma figura literária mais familiar. A função de “M. T.” enquanto tradutor cultural e linguístico de enigmas e de sensações encontra-se, portanto, em permanente transformação, enquanto a nota inicial anula, através da paródia, qualquer possibilidade de o texto ter um fundo de verosimilhança⁷ e leva o leitor a (sor)rir quando o editor-tradutor afirma que o texto diarístico original existe, estratégia premeditada que reforça a ficcionalidade do texto.

Os “monólogos narrativos” (Rousset 14) de Adão e Eva, enquanto contos-diários, aproximam-se do romance-diário⁸ e partilham características com esse subgénero, uma vez que o casal é protagonista dos episódios que descreve e textualiza “*au jour le jour*” (Prince 477) sendo, portanto, simultaneamente produtor e produto final dos textos, como acontece com qualquer diarista (Raoul *Distinctly Narcissistic: Diary Fiction in Quebec* 5). De acordo com Raoul (*The French Fictional Journal* 46), “the journal is both ‘monograph’ (a means of exteriorizing the self in writing) and ‘chrono-graph’ an illustration of the production of a written record of time, produced in time”, e o solitário Adão, tal como Eva noutras narrativas da antologia, é autor do ‘texto-espelho possível’ (Didier 116), talvez em resposta ao repto que lhe é lançado em “Adam’s Expulsion”.

A primeira referência no texto de Adão é à nova companheira, apresentada como a “nova criatura”: “This new creature with long hair is a good deal in the way. It is always hanging around. I don’t like this: I am not used to company” (8), sendo a relação dos dois primeiros seres humanos na Terra difícil desde o início. Ao longo do seu ‘solilóquio do eu’ (Rousset 15), Adão caracteriza a mulher como a professora que lhe ensina novas palavras e conseqüentemente novos conceitos, como, por exemplo, os pronomes *we*, *it*, *she* (9-10), e que lhe

transmite a imagem b3blica dela pr3pria a ser criada a partir da costela masculina (10), li3o de que o pr3prio narrador-diarista desconfia ao concluir, em tom jocoso, que n3o lhe falta qualquer parte do corpo.

A estrutura e o conte3do do di3rio s3o assim ‘romanceados’⁹ ao longo dos contos parod3sticos de Twain, e as entradas iniciais do dicion3rio masculino, relativamente curtas, aumentam de tamanho 3 medida que o tempo passa e a aprendizagem de Ad3o e a sua percep3o do mundo se complexificam. De acordo com Thomas Mallon (xi): “keep: diaries are the only kind of writing to take that verb. One doesn’t keep a poem or a letter or a novel, (not) as one actually writes it”, como tamb3m verificamos atrav3s da compara3o entre o di3rio e as autobiografias de Eva. O texto diar3stico, ao recuperar a sua actualidade quase diariamente, coloca em evid3ncia o tempo da enuncia3o (Rousset 164), e as entradas iniciais do di3rio de Ad3o seguem a ordem cronol3gica dos dias da semana, omitindo alguns dias, pois, como afirma Lorna Martens (28-29) a prop3sito do romance-di3rio: “the journal [...] gives an account of daily events, rather than [...] a daily account of events”.

A tranquilidade do homem 3 perturbada pelo aparecimento da energ3tica companheira que o demove de viajar at3 3s cataratas do Ni3gara (9). No entanto, no seu di3rio Eva explica que o faz devido ao medo que surge com a descoberta do fogo, um sentimento que Ad3o desconhece, n3o podendo, portanto, entender as atitudes da mulher (“Eve’s Diary” 26-27). Eva tenta ensinar Ad3o a ser pai, tratando-se inicialmente os protagonistas entre si como animais/criaturas,¹⁰ enquanto o diarista protesta devido ao facto de ser sempre ela a nomear as novas descobertas do casal, e f3-lo, com humor, atrav3s do registo coloquial que caracteriza o seu estilo de escrita, ao afirmar que o dodo, animal que se extinguiria na segunda metade do s3culo XVII, 3 nomeado pela companheira com a seguinte justifica3o: “it looks like the thing”, concluindo o narrador de forma humor3stica e aliterativa: “Dodo! It looks no more like a dodo

than I do" (8). Eva retoma esse episódio de cariz ecológico no seu próprio diário para apresentar o seu ponto de vista: "When the dodo came along he [Adam] thought it was a wildcat-I saw it in his eye. But I saved him. And I was careful not to do it in a way that could hurt his pride. I just spoke up in a quite natural way of pleased surprise, and not as if I was dreaming of conveying information, and said, "Well, I do declare, if there isn't a dodo!" (23). A irónica diarista tira assim partido da sua astúcia e do poder de sedução e afirma, relativamente ao companheiro enganado: "How little a thing can make us happy when we feel that we have earned it!" (24). As duas narrativas comunicam assim intertextual e ironicamente entre si para revelar as duas faces ou dimensões de uma mesma situação através da focalização e dos pontos de vista de ambos os membros do casal.

Os temas da observação, do registo diário e da descoberta de novas experiências e realidades são os mais recorrentes nos textos de que nos ocupamos e aglomeram praticamente todos os outros: a construção de um abrigo (por Adão) que é invadido por Eva, cuja fala humana ofende os ouvidos do companheiro, a descoberta da intimidade, a nomeação do *estate* como "Garden of Eden" por Adão e "Niagara Fall Park" por Eva na versão do *Niagara Book* (279), a utilização da escrita para estabelecer leis, como as dos letrados que a mulher coloca no Éden ("Keep off the Grass"/"This way to Goat Island" 279-280), infiltrando-se, assim, registos do quotidiano nas narrativas, enquanto o leitor acompanha o surgimento da disciplina que ordena a vida em sociedade. Adão deseja frequentemente mudar de cenário e que Eva não fale, pelo que lhe agrada o facto de esta travar conhecimento com a cobra, animal falante com quem a mulher começa a passar algum tempo. Ao longo da narrativa masculina acumulam-se ainda outros temas, como o domingo enquanto dia de descanso, a invenção de novas palavras e as funções do significado e do significante linguísticos, que Eva adora explicar (9-11). O diarista também critica a mulher por

tentar, constantemente e às escondidas de todos, provar o fruto da árvore proibida, tal como a cobra os aconselhara a fazer. Se Adão prevê que a curiosidade de Eva origine problemas e o leve a pensar (e)migrar devido à transgressão e à audácia que caracterizam a companheira, esta última confessa, no seu diário, que apenas colhe as maçãs para lhe agradar: “They are forbidden, and he says I shall come to harm; but so I come to harm through pleasing him, why shall I care for that harm?” (24). Estamos perante um jogo de espelhos em torno do gênero que revela ao leitor a incompreensão e o choque de pontos de vista dos dois elementos do casal, cujas formas de pensar e de agir são, desde o início, caracterizadas como diferentes.

Quando o caçador-pai-diarista foge, Eva serve-se da natureza e ‘caça-o’ com o auxílio de lobos por si domesticados, descobrindo que a morte ainda não entrara no Éden. Já a prisão em que o homem se sente faz com que as entradas dedicadas aos três primeiros domingos consistam apenas em duas palavras “Pulled through” (9-11), uma vez que a semana serve para repousar devido ao cansaço que o domingo provoca, como se o mundo edénico se encontrasse às avessas ou carnavalizado. O texto masculino assume-se como uma descrição dos desejos, actividades e experiências diários do narrador durante o processo cumulativo da descoberta do Jardim do Éden, sendo também filtradas as atitudes, as reacções e as descobertas de Eva, inicialmente caracterizada como egocêntrica através da imagem mitológica de Narciso, à qual Twain acrescenta um toque humorístico ao recorrer a uma analepse para preencher o vazio do dia anterior: “She fell in the pond yesterday when she was looking at herself in it, which she is always doing. She nearly strangled” (10). No entanto, a autora de “Eve’s Diary” explica que se sentara à beira da água para esquecer o desprezo de Adão e procurar companhia: “some one to look at, some one to talk to. It is not enough - that lovely white body painted there in the pool - but it is something, and something is better than utter loneliness. It talks when I talk; it is sad when I

am sad; it comforts me with its sympathy. [...] It is a good friend to me, and my only one; it is my sister” (25). O reflexo da diarista na água leva-a a confrontar os seus sentimentos e a sentir-se menos triste ao estar acompanhada por uma amiga-irmã, como se já não fosse a única mulher no Éden, que, afinal, nem sempre fora um paraíso. Este episódio remete quer para a imagem literária da *woman-with-mirror* estudada no âmbito dos *Gender Studies*,¹¹ quer para uma das fases do desenvolvimento de Eva em busca da sua identidade feminina, sem quaisquer outros referentes que lhe sirvam de modelo. De acordo com Lacan (22), o estádio do espelho nas crianças “[é entendido] como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo: a saber, a transformação produzida no sujeito quando este assume uma imagem [como sua]”, o que no caso da pioneira de que nos ocupamos não será bem assim, uma vez que é a única mulher na Terra, apesar de sentir necessidade de uma outra presença feminina, como a que vê reflectida nas águas que simbolizam as diversas faces ou *selves* de Eva. Ao longo da descrição da outra mulher-reflexo fica claro que a diarista, demonstrando as suas ingenuidade e limitações, vê o seu reflexo como sendo outra mulher que ela visita frequentemente em noites de luar e que é o seu conforto e refúgio perante a “vida [...] dura” (25, nossa tradução). Quando Adão foge pela última vez antes da Queda, Eva resigna-se inicialmente à solidão e decide fazer amigos entre os animais, que estão sempre felizes e são perfeitos “cavalheiros” (29, nossa tradução), passando o animal ‘domesticado’ a ser substituto e complemento da companhia humana. Eva evita assim conflitos com Adão ao sentir-se confortada e rodeada pelo mundo animal.

A personagem feminina de que nos ocupamos é apresentada por Harris (123-124) como a imagem da mulher ideal para Twain, cuja função principal é humanizar Adão, ou seja, o homem, e Warren (262-263) afirma que esta é uma das poucas mulheres na obra do Autor a narrar a sua própria história, enfatizando, tal como Sewell (11-12), a importância do papel da “founding

mother” ao forçar Adão para fora do seu solipsismo e ao ensiná-lo a dizer “we”. Vão-se, assim, acumulando nas micro-narrativas estereótipos associados ao gênero feminino, como o falar constante, a necessidade de convívio, a curiosidade, o poder (de persuasão) no ambiente doméstico e a vaidade, que, por sua vez, são ‘desconstruídos’ e explicados através do ponto de vista de Eva nos textos da sua autoria, ao criticar Adão por ser pouco comunicativo e uma criatura passiva e sem grandes interesses. Esse jogo de espelhos revela que o poder da mulher advém da sua curiosidade e da propensão para descobrir, interpretar e nomear tudo o que vê, demonstrando Eva fazer uso consciente dos seus poderes formal e informal,¹² ambos exercidos com igual determinação através da retórica e das justificações que acabam por maçar Adão. Este último assume uma postura mais calma e ponderada, como fica claro quando a cobra tenta Eva a provar o fruto proibido com o argumento de que a maçã lhe dará uma excelente educação, avisando-a Adão que tal transgressão introduzirá a morte no mundo, antes de concluir mais uma vez em tom humorístico: “I foresee trouble. Will emigrate” (10). De acordo com Moffett e Eliopoulos, Twain, John Keeble, Hawthorne e outros autores norte-americanos:

work [...] with the conflict between the idyllic pastoral and the counterforce of civilization [...] draw[ing] heavily upon the archetypal story of Eden to depict the conflict. The early chapters of Genesis set out the root of the conflict: God commands Adam and Eve to subdue the earth and cultivate Eden, but after the Fall, God curses the ground on their account, and humankind must sweat to feed itself. In these scenes, antagonism arises between humankind’s mandate to control the earth’s unwillingness to yield, between God’s initial command and his later curse, between a benevolent garden (an image later influenced by the Greek conception of the Golden Age of mankind) and an indifferent nature. (Moffett e Eliopoulos 58)

Os di3rios s3o assim utilizados como reposit3rios das preocupa3es e do quotidiano do casal que s3o filtrados, 3 vez, por apenas um dos seus membros, embora Eva demonstre preocupar-se com o ponto de vista do homem ao inserir excertos da narrativa masculina nos seus textos. Ad3o foge de casa pouco antes de a sua cara-metade provar a ma33 e trazer a morte e a no33o de vergonha ao mundo, expulsando tudo e todos do 3den, mas a mulher encontra-o e p3e fim ao para3so privado do homem. O pragmatismo masculino 3 demonstrado quando Ad3o afirma que fora contra os seus princ3pios comer do fruto proibido por sugest3o da companheira, mas que a fome falara mais alto que os valores. Ap3s a Queda, come3a ent3o uma nova fase marcada por quez3lias dom3sticas e pela necessidade de trabalhar para sobreviver, e Ad3o decide que a mulher ser3 3til para tal tarefa que ele supervisionar3, dando assim in3cio 3 sociedade patriarcal. Com o encargo de controlar o trabalho semanal da companheira, o diarista come3a a descansar e a divertir-se aos domingos; da3 a mudan3a do conte3do das entradas dominicais. O homem passa a dedicar-se 3 ca3a, 3 pesca e a expedi3es em florestas long3nquas em busca de ‘beb3s’, criaturas inicialmente estranhas para os progenitores. O narrador indica o espa3o em que se move (Buffalo), enquanto a divis3o das tarefas em termos de g3nero se acentua, pois Eva passa a ocupar-se tamb3m de Caim. 3 igualmente ela a levar a cabo quase todo o trabalho de ‘investiga33o’ (dirigida pelo marido), de forma subserviente, para agradar a Ad3o, quando ambos decidem elaborar um Dicion3rio (“Autobiography of Eve” 59), projecto para o qual todos os membros da fam3lia contribuem com novos voc3bulos. Ao estudar os estere3tipos e os pap3is associados ao(s) g3nero(s) nesses contos de Twain, como por exemplo os da mulher faladora que apoia o marido incondicionalmente e o do homem que ‘foge’ do mundo dom3stico e que a esposa tenta civilizar, Walker (27) recorda como essas narrativas, ao reescreverem um texto tradicional (b3blico), emergem de e representam o seu pr3prio contexto cultural e hist3rico,¹³ os Estados Unidos

do final do século XIX e do início do século XX. De acordo com Merchant (246), os Diários espelham os estereótipos das respostas masculina e feminina perante a natureza na América oitocentista: Eva aprecia a cor e a magnificência da Natureza edénica, enquanto Adão se interessa sobretudo pelo valor prático do mundo natural que o rodeia, mudando essa relação, bem como a vivência do género, após a Queda, sem que o amor incondicional e a entrega total deixem de pautar a relação do casal, por entre conflitos domésticos.

A partir do Pecado original as entradas do diário masculino tornam-se mais esporádicas, sendo intituladas “three months later” (13), “five months later”, “a fortnight later”, (14-15), “next day” (15) e “ten years later” (16), como se o tempo cronológico se tornasse mais psicológico e a sua representação no texto, através de elipses e sumários, exigisse um maior cuidado na selecção de acontecimentos a figurar na narrativa intimista. O tempo torna-se indeterminado, o passado (lazer eterno) é contraposto ao presente (trabalho e morte), e à Queda do casal segue-se o nascimento do primeiro filho Caim, cujo aparecimento é descrito com ironia e ingenuidade pelo diarista, que supõe que essa nova espécie poderá ser um peixe pescado pela mulher. A maternidade transforma Eva, que passa a ser mais cuidadosa e se entrega por completo ao pequeno “animal” (12), chorando e brincando com ele, uma atitude que Adão não entende e teme. Passados dias, o pai conclui que não se trata de um peixe, pois a nova criatura ri e balbucia, mas que também não será humana pois não anda. O diarista apresenta as suas conclusões através de um exercício de exclusão de partes e da comparação com referentes familiares, ou seja, outros animais irracionais por ele estudados: “it is not a bird for it doesn’t fly; it is not a frog for it doesn’t hop; it is not a snake for it doesn’t crawl. [...] It was an enigma [...]. If it dies, I will take it apart and see what its arrangements are. I never had a thing perplex me so” (13). Adão confessa a sua perplexidade e o seu distanciamento face à estranha criatura, que se prontifica a dissecar para melhor

compreender, sendo, como veremos, o tema da indagação científica também aprofundado por Eva.

A cada três meses, e acompanhando o ciclo de crescimento do bebê, o espanto aumenta (13-15), enquanto a criatura se passa a movimentar com as suas quatro “patas”, pelo que não pode portanto, ser humano, como deduz o diarista, mas sim pertencente a uma espécie ainda não catalogada. Aliás, o exercício da dedução com base nos poucos conhecimentos até então adquiridos pelo casal é uma constante ao longo das narrativas. A ironia caracteriza a atitude ‘científica’ e as observações de Adão, que, por seu lado, são reveladas através do nome que este atribui à nova criatura (que pensa ser um canguru) com base no seu próprio nome latinizado: “*Kangarooorum Adamiensis*” (13). O nome científico das espécies, tal como acontece em “Autobiography of Eve” (59-60), recorda o leitor que, à data da produção do texto, o episódio bíblico em questão se encontra no centro da discussão intensificada há cerca de trinta e quatro anos por Charles Darwin (*The Origin of the Species*, 1859),¹⁴ sendo claro que o diário se assume como uma paródia ao Livro do Génesis e um reflexo do conflito entre religião e ciência. A obra de Darwin é um dos intertextos das *Adamic Tales* de Twain, como o comprova a narradora de “Autobiography of Eve”, quando, numa das muitas abordagens ao tema do progresso, refere o seu estudo de um dinossauro e de um gato, “[to] see if he is a survival of the fittest” (58, 59), concluindo: “Oh, Science, where thou art, all other interests fade and vanish away” (58), palavras que ecoam versos de um outro intertexto, o poema “Science”, de Anne C. Lynch (1815-1891): “Darkness sat brooding o’er the infant world,/That in chaotic gloom and silence lay,/Till from the throne of Light the sun was hurled:/Then the eternal night was changed to day, [...]/Even thus, oh! Science, hath thy glorious light/Rolled the dark clouds of Ignorance away, [...]/For thou, oh Science, thou art there our guide” (Lynch 160-161, itálico nosso). A Ciência e o instinto da curiosidade (científica) são temáticas

recorrentes nos textos autobiográficos do casal, especialmente nos de Eva, que descrevem a observação do processo de desenvolvimento de uma rã. A partir dessa actividade os primeiros cientistas acabam por levar a cabo experiências ingénuas, como, por exemplo, transportar peixes para terra de forma a verificar se também lhes crescerão pernas, concluindo a diarista humoristicamente: “We took this as evidence that fishes as a rule do not care for the land” (59).

A narrativa íntima de Eva preenche vários vazios do diário de Adão, e o leitor toma conhecimento que, como parte da experiência zoológica, o protagonista se afasta de Eva para ir observar baleias por altura do nascimento de Caim.¹⁵ Também a mãe pensa inicialmente que o bebé é um animal, esperando que o desenvolvimento do pequeno “freak” (60) lhe revele de que espécie é, enquanto este se torna o centro de todos os seus afectos. A entrada dedicada aos anos quarto e quinto descreve o regresso de Adão e o seu primeiro confronto com Caim, que o pai não considera uma criança, pois é, em primeiro lugar, um cientista e só depois um homem: “he could accept of nothing until it was scientifically proven” (60). Devido às contínuas experiências do progenitor com o bebé, Eva, que conhece e manipula de forma eficaz a psique masculina em prol da ordem e da harmonia do seu ‘lar’, deixa Adão pensar que ela o encontrara nos bosques para que o ‘caçador’ parta em busca de outros exemplares e deixe Caim em paz. O leitor descobre então por que razão a mãe omite a verdade sobre o nascimento do filho, preenchendo-se mais um dos vazios do diário de Adão.

O crescimento físico de Caim, chamado de “zoological freak” (14), os processos de educação e de socialização, bem como a cedência dos pais em relação aos nove filhos indefesos são igualmente descritos, enquanto o pai de família recupera informação anteriormente veiculada para expor a mentira inicial da mulher: “As already observed, I was not at home when it first came, and she told me she found it in the woods” (13-14). A ingenuidade e a incompreensão

geram um certo n3vel de simpatia do leitor para com Ad3o, que utiliza o humor, a compara3o e a adjectiva3o tripla para caracterizar o rec3m-nascido: “I pity the poor noisy little animal, but there is nothing I can do to make it happy. If I could tame it” (14). Cinco meses depois, o di3rio apresenta uma nova dedu3o, a criatura ruidosa n3o 3 um canguru, mas talvez um perigoso urso que come3a a falar meses mais tarde, faculdade que o pai interpreta como “imitation of speech” e “imitative faculty” dessa nova esp3cie (15-16). Posteriormente, Eva confessa ao companheiro ter capturado uma nova criatura, a que chamam Abel, tornando-se curioso o facto de estes contos n3o referirem a (descoberta da) vida e sedu3o sexuais do casal, mas apenas o acto metaf3rico de ca3ar novas criaturas, actividade em que Ad3o pensa que a mulher 3 ex3mia. O homem pensa ainda embalsamar um dos filhos, comparando o mais velho, que n3o se cala, a um papagaio (15), concluindo dez anos mais tarde: “they are boys; we found it long ago. [...] There are some girls now” (16). O pai orgulhoso caracteriza, ent3o, os seus v3rios filhos, confessa que 3 melhor viver com Eva fora do 3den e ouvi-la falar, e que a tenta3o da cobra lhe revelara a bondade e a do3ura femininas. A primeira fase da vida do casal 3 assim marcada pela descoberta do mundo natural, pela nomea3o de esp3cies, de locais e de sentimentos, sendo a segunda fase iniciada quando da Queda e sobretudo pelo mist3rio da maternidade/paternidade. Tamb3m o di3rio de Eva descreve o crescimento dos filhos em liberdade pelos campos, momentos em que a aprendizagem se efectua atrav3s das aventuras e experi3ncias longe da protec3o paterna e materna.

Se os protagonistas s3o moldados por Deus j3 como adultos, o crescimento e o processo de socializa3o dos filhos revelam-lhes grande parte do mist3rio da natureza humana, levando-os a crescer e a amadurecer com eles, pelo que este conjunto de narrativas de Twain partilha caracter3sticas com o *Bildungsroman*,¹⁶ uma vez que n3o 3 apenas o processo de forma3o (*Bildung*)¹⁷ das crian3as que 3 representado,¹⁸ mas tamb3m o dos primeiros adultos a pisar a face da Terra por

obra divina, processo marcado pela transgress3o e pela descoberta quer do Outro, quer de si mesmo. De acordo com a defini3o cl3ssica de Dilthey (cit. in Swales 3), o *Bildungsroman* descreve “a regulated development within the life of the individual [...], each of its stages has its own intrinsic value and is at the same time the basis for a higher stage. The dissonances and conflicts of life appear as the necessary growth points through which the individual must pass on his way to maturity and harmony”, elementos presentes nos contos ad3micos, ao longo dos quais muita da informa3o fica impl3cita, exigindo do leitor a dedu3o de in3meras li3oes de vida dos narradores-escritores. Swales (4) considera a defini3o de Dilthey datada, uma vez que nem sempre o romance de forma3o apresenta a vit3ria harmoniosa que o primeiro descreve como requisitos do subg3nero, pois o *Bildungsroman* 3 escrito com base na ‘viagem’ evolutiva (*Bildungsreise*) dos protagonistas e n3o no final feliz para o qual esta concorre,¹⁹ encontrando-se a auto-reflexividade em torno da forma3o presente n3o nas fases pelas quais a personagem passa, mas no discurso do pr3prio narrador em torno das mesmas.²⁰ J3 de acordo com Hendriksen (23-24):

the true action of the *Bildungsroman* consists of the internal changes taking place in the hero [...]. This focus on ‘inner action’ instead of on causally linked external events, separates the *Bildungsroman* from novels that employ traditional plots [...], the internal process itself becomes the story, which, as we shall see, exerts a strong influence on how plot is used in the genre. (23-24)²¹

De facto, os di3rios de Ad3o e de Eva, enquanto narrativas 3ntimas e de reflex3o sobre a vida familiar, apresentam as mudan3as interiores e exteriores, os pensamentos e as dedu3oes sucessivas que o crescimento permite formular com base na observa3o dos ‘acontecimentos exteriores’ que Hendriksen refere e a que o crescimento psicol3gico do casal se encontra interligado. Minden (1)

define o romance de formação com base quer no conceito de *Bildung*, quer nas características e especificidades do conteúdo dos textos, enquanto Hardin (xiii) defende, tal como Martini, que a acção e a reflexão activas por parte do protagonista são componentes essenciais do *Bildungsroman*, o que se observa relativamente aos diaristas que partilham com o leitor as suas observações do mundo circundante em constante mudança, bem como as suas sucessivas interpretações e conclusões. São vários os teóricos, entre os quais Swales (14-15), Eysturoy (6) e Pinto (13-15), que relacionam a função pedagógica do subgénero com a formação do/a *Bildungsheld/in*, enquanto Sax afirma:

Bildung was more than a type of education or even self-formation, for it was a way by which the individual came to know himself by knowing his world and its traditions [...], emphasized the finitude of the individual's will as well as his knowledge [...]. It was a return to the image of the active individual of Antiquity before the division between the *via activa* and the *via contemplativa* was formulated, but in another sense it emphasised a type of inner life and self-consciousness as well as understanding and appreciation of the uniqueness of each individual life. (250)²²

Sem ninguém a quem pedir ajuda ou esclarecimentos, os membros do casal vêem-se forçados a tornarem-se *self-made man/woman* e a analisar os seus sentimentos, medos e opções de vida enquanto crescem, pois os seus corpos adultos são os únicos que conhecem até ao nascimento dos filhos, que dificilmente poderiam considerar, de início, como pertencentes à sua espécie. A “self-formation” de que Sax nos fala é, portanto, predominante nos contos de que nos ocupamos, e, como afirma Jost, embora sempre em relação ao herói masculino dos *Bildungsromane*:

[...] in the adventure novel, events test, punish, or reward the hero; in the apprenticeship novel, they mark him, mature him, or form him in a definite way, and

finally crystallize his character. [...] The genre, therefore, must be defined as the representation of the interaction between the self and the world, with special reference to the presence of the education of the self. (136)²³

Já Amrine (27) questiona a classificação de *Bildungsroman* ao afirmar: “if one takes “Bildung” in its strict and limited historical sense, then nothing is a *Bildungsroman* - not even *Wilhelm Meisters Lehrjahre*; but if one takes it in the loose sense, something like “development of the protagonist”, then *everything* is a *Bildungsroman*”, questão que pode ser clarificada se juntarmos ambos os critérios, em vez de os separar, definindo o romance de formação como a representação do processo formativo informal do protagonista até à sua fase adulta interior, o que se observa no caso de Adão e Eva, que apenas crescem psicológica e intelectualmente, pois Deus criou-os já com corpos adultos. Leseur (2) e Minden (118) referem classificações alternativas para o subgênero iniciado por Goethe como romance pedagógico, filosófico e psicológico ou romance de: vida, desenvolvimento (individual), *self-cultivation*, educação, aprendizagem, socialização, infância, adolescência, juventude e iniciação, aparecendo estas últimas dimensões nos textos de Adão e Eva após o nascimento dos seus filhos, se bem que a ‘idade’ mental do casal possa ser aproximada à de um adolescente ou jovem que não tem quaisquer modelos de comparação para o seu processo de formação/socialização. A partir da análise que Sax (250) elabora no excerto por nós já citado, podemos concluir que a vida de Adão e Eva se divide em duas fases: um período inicial antes da Queda, de relativa ‘contemplação’ e descoberta, e um segundo momento durante o qual o nascimento dos filhos transforma a relação e o crescimento do casal ao intensificar a necessidade de amadurecimento dos progenitores.

Ao ler a primeira entrada de “Eve’s Diary Translated from the Original” o leitor não pode deixar de comparar essa narrativa com os excertos do diário de

Adão e concluir que o conteúdo do texto feminino é mais profundo e intelectual. A linguagem de Eva é também diferente da do seu companheiro e espelha o dinamismo do membro mais curioso do casal, ou seja, o estilo da escrita e as preocupações da mulher encontram-se ao serviço da sua (auto)caracterização, afirmando Macnaughton (219) e Stoneley (9-11, 107) que o diário de Eva são menos complexos e diferentes dos restantes *Adamic Diaries* por terem sido redigidos para um público mais geral. A narrativa íntima de Eva tem incorporado um excerto do diário de Adão destacado a itálico que, como já afirmámos, revela a outra face de Eva, ela própria um dos objectos de estudo do marido, cujo ponto de vista se encontra, assim, também representado nos desabafos intimistas da companheira. “Eve’s Diary” começa dois dias antes do de Adão, num Sábado, 24 horas depois de a mulher ser criada por Deus, centrando-se o seu conteúdo inicial na própria diarista (como revelam a repetição e os determinantes: “I am almost a whole day old now. I arrived yesterday. That is as it seems to *me*”: 20, itálico nosso), ao contrário do diário de Adão, que menciona Eva logo no *incipit*. Através de um breve exercício metaficcional, a diarista refere-se ao início possivelmente confuso do seu texto e informa o leitor que o seu estilo literário será claro, pois “some instinct tells [her] that these details are going to be important to the historian some day. For I feel like an experiment” (20), ideia que, tal como a da história a fundir-se com o mito, é enfatizada através da repetição do termo “experiment”, tentando Eva, ao revelar uma atitude filosófica, conhecer-se melhor a si mesma e à sua posição (central) no mundo, pelo que a introspecção a leva a concluir: “Some instinct tells me that eternal vigilance is the price of supremacy. [That is a good phrase, I think, for someone so young]” (20). O mundo é, tal como para Miranda em *The Tempest*, “[a] majestic new world [...] most noble and beautiful work [...] perfect” (20), fazendo a primeira mulher à face da Terra uma apreciação lírica de fenómenos naturais como o movimento dos astros no firmamento e como a noite (21-22).

Enquanto Adão se ocupa da caça, da pesca e da fuga do lar, a mulher aprecia a Natureza e demonstra a sua sensibilidade perante o espectáculo do Universo. Tal como o seu companheiro, também Eva se dirige ao destinatário do texto (“you would be surprised”, 22) e aprende através da experiência durante o seu processo de formação informal, como revelam as confidências “then I tried clods till I was all tired out” (21) e “I learned a lesson” (22). Aliás a escritora não perde uma oportunidade para recordar ao destinatário do texto, através de apartes, que o seu conhecimento, as suas palavras e acções são mais do que adequados para alguém tão jovem e do sexo feminino (20-22, 31).

Enquanto Adão trata Eva como uma ‘nova criatura’, para ela o companheiro é mais uma experiência divina, um ‘caçador’ diferente de todos os outros répteis que ela persegue para conhecer melhor. Uma leitura comparada dos dois diários revela que as duas narrativas constituem um elaborado jogo de cruzamento das focalizações dos diaristas sobre os mesmos temas, apresentando ambas as personagens os seus medos, razões, experiências e diferentes leituras de um mesmo episódio. No início, a mulher acha que o antipático réptil (Adão) passa o tempo a descansar, numa atitude passiva e desinteressada, por oposição à sua. A descoberta de que o homem consegue falar desperta na diarista um novo interesse por ele, tornando-se a linguística e a escrita temas recorrentes nas narrativas de que nos ocupamos, pois ela pergunta-se, mais uma vez e de forma irónica: “If this reptile is a man, it isn’t an *it*, is it? That wouldn’t be grammatical, would it? I think it would be *he*. I think so. In that case one would parse it thus: nominative, *he*; dative, *him*; positive, *his’n*” (23). Também “Autobiography of Eve” refere os inúmeros erros de ortografia do companheiro da autobiógrafa: “His spelling is unscientific. He spells cat with a *K*, and catastrophe with a *c*, although both are from the same root” (59, 61). Cada protagonista revê a formação e a educação do seu par e tece comentários sobre as atitudes e os avanços conseguidos no processo de maturação.

A família elabora em conjunto o já referido dicionário, o primeiro à face da Terra, e a percepção que essas personagens têm do mundo e de terceiros influencia a forma como a mulher fala em determinados momentos, não sendo o interesse desta pela língua e o desejo de falar tão básicos quanto Adão quer fazer parecer. A diarista prefere certezas, mesmo que erradas, a incertezas, o que se coaduna com a leitura que faz do prazer que ela pensa que o companheiro tem com a sua presença, pois o leitor, com base nas palavras do homem, sabe que o primeiro inicialmente não aprecia essa companhia. A autocaracterização de Eva é reforçada pelo excerto do diário de Adão que ela própria insere na sua narrativa diarística: *“Nothing ever satisfies her but demonstration; untested theories are not in her line, and she won’t have them”* (29), ou seja a focalização ou ponto de vista de ambos coincide no que diz respeito a essa característica marcante da mãe de família. Quanto à constante escolha dos nomes para as novas criaturas, Eva pensa estar a poupar Adão de um grande esforço e disfarça as suas capacidades linguísticas superiores para não o melindrar, enquanto este confessa que ela abusa dessa tendência e não lhe dá liberdade para nomear ou gerir nada, ou seja, muito antes da expulsão do Paraíso, o homem e a mulher fazem leituras diferentes de uma mesma situação, dando origem aos desentendimentos que pautam as relações humanas e entre os géneros. A comparação dos dois diários chama assim a atenção do leitor para a problemática da focalização e dos pontos de vista (divergentes) não apenas no mundo literário, mas também e sobretudo na esfera do quotidiano.

A cada dia que passa, a diarista aprende através das situações com que se vê confrontada, e, ao queixar-se da sua solidão e do desprezo de Adão, apresenta mais um conclusão sobre o seu processo formativo (informal), com base na experiência: *“it was a new feeling. I had not experienced it before, and it was all a mystery, and I could not make it out. But when night came I could not bear the lonesomeness, and went to the new shelter which he has built to ask*

him what I had done that was wrong [...]; but he put me out in the rain, and it was my first sorrow". (24).

Eva enriquece a sua *Bildung* ao aprender a fazer fogo (26), ao atribuir nome ao 'fumo', às 'chamas' e às 'brasas' (27), ao criar novos provérbios (26), ao comparar as diferentes atitudes masculinas e ao sentir que pode "cultivar" ou moldar Adão (24, nossa tradução), sendo assim intensificada a representação do gênero, ou seja, da masculinidade e da feminilidade, desde os primórdios da presença humana na Terra. A prova disso é o fascínio e o agrado que cada nova descoberta provoca na mulher, como revelam os adjetivos *wonderful* e *beautiful* (26-27) por si utilizados frequentemente, enquanto os interesses do homem são bem diferentes. Ao longo da sua dura aprendizagem informal, a mulher descobre por que motivo Adão não a pode entender totalmente, pois os sentimentos e a relação de ambos com o meio circundante são naturalmente diferentes, estabelecendo-se assim gradualmente as temáticas quer da natureza humana, que, por sua vez, se subdivide nos subtemas da psicologia feminina e masculina e dos diferentes estádios de amadurecimento do ser humano.

Como já afirmámos, quase no fim da narrativa de Eva encontramos um excerto do diário de Adão destacado graficamente a itálico e que demonstra que o escritor tenta compreender a sua companheira, justifica as atitudes desta com a sua tenra idade e caracteriza-a física e psicologicamente através da enumeração de substantivos abstractos ("*she is all interest, eagerness, vivacity, the world is to her a charm, a wonder, a mystery, a joy*") e de cores ("*and she is colour-mad: brown rocks, yellow sand, grey moss*", 28). O tom lírico da entrada, diferente de todas as que compõem o diário de Adão, justifica-se pelo facto de ele se ter apaixonado: "*I am coming to realise that she is a quite remarkably comely creature – lithe, slend, trim, rounded, shapely [...], I recognized that she was beautiful*" (28). De acordo com o diarista, Eva encontra beleza em tudo o que existe à sua volta, mesmo nos dinossauros, que acabam com o silêncio na

Terra, situação que Adão encara como uma calamidade, ao contrário dela: “*that is a good sample of the lack of harmony that prevails in our views of things. She wanted to domesticate it, I wanted to make it a present of the homestead and move out*” (28). Estes dois excertos servem o propósito de (hetero)caracterizar Eva e apresentar de forma sumária as visões que ambos os membros do casal têm do mundo que os rodeia, como revela a oposição entre os pronomes pessoais *I* e *she*. As narrativas completam-se entre si, e o leitor descobre no texto de Eva factos omitidos no de Adão, sendo assim preenchidas elipses premeditadas que intensificam o exercício de intertextualidade e revelam o diálogo irónico entre as duas obras. Por exemplo, numa segunda-feira o diarista informa que o nome da “nova/jovem criatura” é Eva (9), enquanto ela revela no seu diário que fora ela a dizer-lhe o seu nome (24), repetindo-se, assim, algumas datas de entradas e acontecimentos em ambos os contos. A escrita da biógrafa e o conteúdo de “Autobiography of Eve” coadunam-se com a caracterização de Eva no diário de Adão (Fiskin 62-64), pois ela preenche inúmeros vazios da narrativa masculina ao reproduzir, em discurso directo, as conversas do casal em momentos também referidos por Adão, atribuindo essas falas maior vivacidade e dramatismo ao texto de Eva, de acordo com quem Adão concordara desde cedo em comer a maçã e em capturar o dinossauro, ao contrário do que ele afirma. A mulher esclarece ainda que desejara domesticar o dinossauro não apenas por capricho, como o companheiro dá a entender, mas para o estudar e dar mais um contributo à Ciência.

A viagem face ao desconhecido, ou seja, a exploração e a descodificação do mundo circundante tem uma importância extrema no *Bildungsroman*, subgénero que aproximamos destes textos, pelo que Eva não poderia deixar de se apresentar como pioneira e como a primeira e única exploradora do mundo até ao momento da escrita da narrativa (29), descrevendo os animais que monta durante as expedições e que lhe permitem atingir o seu objectivo, a auto-

experimentação: “I want to be the principal Experiment of myself - and I intend to be, too.” (30). A diarista-aprendiz desenvolve assim o tema da aprendizagem, encontrando-se consciente do seu percurso formativo e das transformações que sofre, como revelam a repetição de vocábulos e de formas verbais (*-ing form*), bem como o contraste entre o passado e o momento presente da escrita:

I have learned a number of things, and am educated, now, but I wasn't at first. I was ignorant at first. At first it used to vex me because, with all my watching, I was never smart enough to be around when the water was running uphill; but now I do not mind it. I have experimented and experimented until now I know it never does run uphill, except in the dark. [...] It is best to prove things by actual experiment, then you *know*, whereas if you depend on guessing and supposing and conjecturing, you will never get educated. Some things you *can't* find out; but you will never know you *can't* by guessing and supposing: no, you have to be patient and go on experimenting until you find out that you *can't* find out. And it is delightful to have it that way, it makes the world so interesting. If there wasn't anything to find out, it would be dull. (30)

No excerto, Eva caracteriza o seu processo de aprendizagem e justifica mais uma das suas opções e o seu modo de vida, não sendo de admirar que Adão invente o termo “justification” (10) para descrever a atitude de Eva perante a vida. A narradora refere ainda a perda da inocência que resulta da sua sede de saber e de experimentação, antes de concluir: “By experiment I know that wood swims, and dry leaves, and feathers [...]; therefore by all that cumulative evidence you know that a rock will swim, but you have to put up with simply knowing it, for there isn't any way to prove it – up to now. But I shall find a way – then *that* excitement will go. Such things make me sad” (30). No entanto, a diarista alegra-se perante a possibilidade de existir ainda um mundo de coisas para ela descobrir sobretudo através da observação e dos sentidos²⁴ devido à falta de tutores/*guide-figures* no Éden e ao desinteresse de Adão. As conclusões a que a

mulher vai chegando, se comparadas com o humor, a paródia e a ironia que caracterizam o diário masculino, atribuem às narrativas femininas um tom mais sério e profundo, o que se coaduna com a hetero/auto-caracterização quer de Eva, quer do companheiro, apresentada nesses mesmos textos. Gradualmente, os membros do casal vão-se tornando mais adultos e constroem as suas personalidades por contraste com o outro.

A antepenúltima e penúltima secções do diário de Eva distinguem-se das anteriores logo através do título (“After the Fall” e “Forty Years Later”), e a primeira funciona como uma apreciação da vida pretérita no Éden, que a diarista descreve como um sonho através da repetição e da associação do adjetivo *beautiful* a dois advérbios de modo: “It was beautiful, surpassingly beautiful, enchantingly beautiful: and now it is lost, and I shall not see it anymore” (31), sendo essas memórias um prenúncio das recordações que a mulher cristaliza em “Autobiography of Eve”. Após a Queda inicia-se assim uma nova fase na vida do casal, na qual o verbo ‘aprender’ se torna sinónimo da acomodação mútua, apresentando-se a referida entrada como uma confissão do amor incondicional de Eva por Adão simplesmente porque ele é homem e mudara, entretanto, de atitude ao tornar-se mais honesto e flexível. A questão do género e das diferenças entre o Homem e a Mulher são mais uma vez abordadas, e a pioneira conclui que existe sempre margem para a dúvida: “It is what I think. But I am only a girl, and the first that has examined this matter, and it may turn out that in my ignorance and inexperience I have not got it right” (32). A penúltima entrada marca uma elipse de quarenta anos e descreve a mudança de vida após a Queda, pelo que a morte torna-se um tema recorrente e é através dela que o caminho da natureza humana adquire uma certa circularidade: “I am the first wife; and in the last wife I shall be repeated” (33); daí que o texto termine com o epitáfio que Adão dedica à amada na sepultura desta: “Wheresoever she was, *there* was

Eden” (33), imagem (da mulher como para3so do homem) j3 desenvolvida nas 3ltimas linhas do di3rio masculino (16).

Em “Autobiography of Eve” a narradora-escritora explora um novo tipo de texto, a autobiografia, um g3nero retrospectivo em torno da vida e personalidade(s) do seu autor (Lejeune 14). A biografia cont3m cita33es do di3rio da narradora, fundindo-se assim a autobiografia, redigida no pret3rito, com a diar3stica, redigida no presente do indicativo, jogo que enriquece a estrutura e a tem3tica do texto, que consiste sobretudo em mem3rias do passado no 3den sem doen3as, nem mortes, e onde todos os dias haviam sido deliciosamente iguais. A narrativa recorda a forma como os pais educaram os filhos e se educaram a si mesmos simultaneamente durante o longo e 3rduo processo de aprendizagem/forma33o como seres humanos e cientistas:

We were starting at the very bottom of things – at the very beginning; we had to learn the a b c of things. To-day the child of four years knows things we were still ignorant of at thirty. For we were children without nurses and without instructors. There was no one to tell us anything. There was no dictionary, and we could not know whether we used our words correctly or not; we liked large ones, and I know now that we often employed them for their sound and dignity, while quite ignorant of their meaning; and as to our spelling, it was profligate. [...] We cared nothing for the means and the methods. (54)

A (auto)bi3grafa recorre ao discurso directo e a um registo mais humor3stico do que o do seu di3rio para se distanciar criticamente do passado e do longo percurso cumulativo e solit3rio da sua aprendizagem. Eva descreve, mais uma vez, o apreciado desafio intelectual que marca a fase inicial da vida do casal, ‘cientistas’ em permanente competi33o pela maior descoberta: “But studying, learning, enquiring into the cause and nature and purpose of everything we came across, were passions with us, and this research filled our days with

brilliant and absorbing interest” (54). A busca científica leva Adão à primeira descoberta após dias de experimentação: a água e todos os fluidos descem pelos montes, não podendo subi-los. O texto descreve assim o processo de investigação e as contribuições de ambos para a Ciência até chegarem às suas conclusões, aproximando o texto às memórias de uma cientista ingênua e pioneira que havia descoberto séculos antes o que se tornara tão básico no momento da escrita, como, por exemplo, a direção em que a água flui. No entanto, ao longo dos séculos, essas descobertas vão sendo atribuídas a seres humanos mais recentes, e os pioneiros votados ao esquecimento, para desânimo dos mesmos. Adão, ciente das suas honra e glória, sofre com o facto de já não ser referido como o descobridor da “Law of Fluidic Precipitation” (55), enquanto a cientista, mais pragmática, descobre de que forma o leite surge no interior da vaca, uma das muitas questões humorísticas que pautam os textos de que nos ocupamos. O final da Autobiografia descreve as sucessivas descobertas do casal e remete, como já afirmámos, para as semelhanças entre os chamados ‘*Adamic Diaries*’ e o *Bildungsroman*. Uma entrada do diário incrustada na autobiografia descreve a “cuidadosa investigação científica” e as “deduções lógicas” (56-57, tradução nossa) da escritora sobre o primeiro leão na Terra, William McKinley (cujo nome é curiosamente o do vigésimo-quinto presidente dos Estados Unidos da América), com base na observação, na lógica, nas estatísticas e na dedução, todos termos utilizados por Eva, antes de uma outra analepse descrever o momento em que Deus (“Voice”, “Lord of the Garden” 57, 61) os proíbe, sob pena de morte, de comer o fruto da árvore do Conhecimento e da Sabedoria, não entendendo o casal, devido ao seu estado de inocência/ignorância inicial, os conceitos de bem, mal e de morte, ou seja, quando ambos comem a maçã não sabem o que fazem por mera curiosidade, pois não foram informados de forma clara das verdadeiras consequências desse acto transgressor. A transgressão

(in)consciente, enquanto característica da natureza humana, torna-se, assim, também um dos temas dos textos edênicos de Twain em torno da Queda.

O título do pequeno excerto do diário de Eva “Passage from Eve’s Diary: Year of the World 920” localiza, desde logo, acção no tempo, sendo o conto composto sobretudo pelo “Extract from an Article in “The Radical,” Jan. 916”. Ao longo das duas páginas da narrativa, Eva refere que a família (da Humanidade), caracterizada com a postura crítica que a distanciação temporal permite, foi aumentando com o passar do tempo. O texto descreve o processo de povoamento do planeta através dos inúmeros filhos do casal, sendo introduzido o conceito de ‘raça’ acompanhado pelo determinante possessivo: “our race” (70). No momento da escrita, a Terra conta já com cinco biliões de habitantes, o controlo de natalidade é feito através da guerra, de epidemias e da fome, e o excesso de população é um fardo para a própria Humanidade, pelo que o sentimento de urgência é revelado pela repetição, pela exclamação e pelo ritmo das orações que marcam esse texto distópico: “After the age of infancy, few died. The average of life was 600 years. The cradles were filling, filling, filling - always, always, always; the cemeteries stood comparatively idle [...]. And yet worse was to come!” (70-71). Os temas da morte e da doença regressam às autobiografias adâmicas e surgem paralelamente novas temáticas que são fruto do progresso da raça humana, como a medicina, as condições sanitárias, a microbiologia e a cirurgia, enquanto Eva demonstra quer o seu interesse pela Ciência e pelo progresso, quer a sua preocupação pelo sobrepovoamento da Terra, uma crise inevitável para a qual a biógrafa não tem qualquer solução, sendo a guerra entendida como o menor dos males no que diz respeito ao controlo de natalidade. O excerto, tal como a “Autobiografia de Eva”, é algo apocalíptico (Quirk, *Mark Twain and Human Nature* 276) e termina de forma irónica, marcado pelas reticências que veiculam a complexidade dos problemas que assolam a Humanidade.

Em “Passage from Satan’s Diary” o Diabo descreve o momento em que o Homem e a Mulher, jovens e “beautiful beyond words” (63), se aproximam da árvore do Conhecimento e em que o narrador elogia a beleza de Eva para captar a sua atenção e tirar partido do seu orgulho. As três personagens discutem as noções de medo e de axioma e consciencializam-se de toda a informação no Universo a que não têm acesso, enquanto Satanás, “humanizado” (Brodwin, “Mark Twain’s Masks of Satan” 202-227), estimula a curiosidade de Eva e por arraste a de Adão através de sucessivas questões, como se dialogasse com crianças ingênuas (64-65), pois no Éden não existe o peso da moral. Através da exclamação, da adjectivação e da enumeração Belzebu apresenta o seu ponto de vista, o terceiro sobre a Queda e o novo mundo: “Poor ignorant things [...]. Eve reached for the apple! – oh, farewell, Eden and your sinless joys, come poverty and pain, hunger and cold and heartbreak, bereavement, tears and shame, envy, strife, malice and dishonour, age, weariness, remorse” (66). Após a transgressão, o sentimento de vergonha e a velhice apoderam-se do ser humano, e Eva conclui, perante a incompreensão de Adão: “I am degraded-I have fallen, oh so low, and I shall never rise again” (67). Mais uma aprendizagem no processo formativo do ser humano.

A narrativa de Satanás é seguida pela já referida “Passage from Eve’s Diary” que recorda a expulsão do Éden escoltada por anjos. O ambiente bélico e a espada da disciplina marcam essa saída, enquanto uma extensa pausa narrativa demonstra a ingenuidade, a inocência e a aprendizagem do casal: “We that had meant no harm. [...] We were ignorant then, we are rich in learning, now – ah, how rich! We know hunger, thirst, and cold” (68). A repetição do pronome *we* e a enumeração de desgraças pautam as recordações da escritora, bem como o assassinato de Abel por Caim, o primeiro homicídio na Terra e um gesto que os pais e o próprio Caim não entendem inicialmente, sendo a morte metaforizada como um longo sono. A breve narrativa termina com um excerto do diário de

Satanás que, em tom de conclusão, informa o leitor que a morte penetrara no planeta e que a família, que agora encara a morte como algo negativo, pensará de forma diferente no futuro, o que aliás se verifica, como observámos anteriormente através de “Passage from Eve’s Diary. Year of the World, 920” (70-72).

O penúltimo texto de que nos ocuparemos “Adam’s Soliloquy” (1905) encontra-se dividido em duas partes. O espaço (Nova Iorque) e o tempo da acção (século XX) são desde logo indicados no *incipit*: “[*Inspecting the dinosaur at the Museum of Natural History*]” (120), e o conto, redigido na primeira pessoa, apresenta alguns pensamentos de Adão sobre o já referido dinossauro, criatura presente nas narrativas anteriores e de que o narrador e a sua mulher não se recordam. Noé informa o casal que houvera um mal-entendido e o animal não entrara na Arca, extinguindo-se, tal como o dodo. Os dinossauros acabam por ser vítimas quer do descuido humano, quer do dilúvio,²⁵ e o espírito do primeiro homem continua a tirar partido do conceito de anacronia através do tom humorístico que já marcara “Extracts from Adam’s Diary”:

there was really some excuse for leaving them behind, for two reasons: (1) it was manifest that some time or other they would be needed as fossils for museums; and (2) there had been a miscalculation – the Ark was smaller than it should have been, and so there wasn’t room for those creatures [...] He [Noah] said he could not blame himself for not knowing about the Dinosaur, because it was an American animal, and America had not then been discovered. (121)

A acção da segunda parte do solilóquio tem lugar “on a bench in the Park, mid-afternoon, dreamily noting the drift of the species back and forth” (122), sendo os temas da morte e do sobrepovoamento da Terra recuperados dos excertos da “Autobiografia de Eva”. Incógnito em Central Park, Adão observa os seus descendentes e recorda-se da primeira criança no planeta, igual às que trezentos

mil anos mais tarde passam por ele, enquanto os transeuntes mantêm conversas com o narrador sem fazerem ideia da identidade do “estranho” com sotaque estrangeiro.

O último texto da edição de 2002 da Hesperus intitula-se “A Monument to Adam” (86-91) e foi originalmente publicado pela *Harper’s Magazine* em 1905. Este exercício literário é um projecto a que Twain dá forma em 1879 ao brincar com a ideia de dedicar um memorial a Adão em Elmina e que desenvolve em 1883 no já referido discurso “On Adam” (Baetzhold, “Monument to Adam” 522-523). A breve narrativa refere quer o projecto do narrador e de alguns amigos para erguer um monumento em honra do pai da Humanidade, para que este não seja esquecido, quer a indignação do público após a publicação do estudo de Charles Darwin *Descent of Man* (1871), cientista cuja obra marca presença, como já vimos, ao longo dos textos genesíacos de Twain. Ciência, religião e literatura são assim três dos temas principais destes exercícios literários, cujos conteúdo e forma são pouco convencionais, tal como o recurso quase simultâneo à diarística, ao solilóquio, ao memorialismo e à autobiografia. Como recorda Wilson (xi), “never a formalist, Mark Twain wrote relatively few short stories that would satisfy strict application of genre equipments. Lines of demarcation between invention and reminiscence, fact and fiction, sketch or anecdote and story, are indistinctly drawn, and the author himself showed little disposition either to classify his work”. Sobre esse assunto, Quirk afirma também:

as if by instinct, he [Twain] seems to have been naturally adept in virtually every prose genre - the fable, the sketch, the tale, the anecdote, the maxim, the philosophical dialogue, the essay, the speech - and to have understood generic requirements sufficiently to burlesque and satirize them as well. [...] At the same time, his imagination seemed always to outrun literary conventions and accepted forms, as though formal discipline were inimical to thought and expression and unequal to the many moods that motivated him to write. (“Introduction” ix)

Como vimos ao longo deste estudo, os excertos de di3rios, autobiografias, falas e solil3quios de Twain ocupam-se de temas como a forma3o (*Bildung*) que s3o explorados atrav3s de diferentes pontos de vista e se complementam entre si, encontrando-se nos excertos autobiogr3ficos de Eva a justifica3o para os seus actos antes da Queda e uma reflex3o sobre a *Bildung* em geral: “A person can’t *think*, when he has no material to think *with*. Isn’t that true?” (58). A inoc3ncia, tema caracter3stico da obra de Twain (Carter 396-398), 3 assim tamb3m recuperada, e as narrativas representam as ansiedades, os medos e a ingenuidade dos primeiros habitantes (b3blicos) da Terra, bem como a sua aprendizagem enquanto seres humanos num meio natural totalmente desconhecido, que estes tentam interpretar, tal como o leitor. O humor e a par3dia do texto b3blico caracterizam os contos de que nos ocupamos, como tamb3m defende Brodwin (“The Humor of the Absurd” 52-54) ao referir que o “humor do absurdo” e a ironia adv3m do facto de Twain descrever personagens m3ticas de uma forma absurdamente realista e explorar o c3mico e o burlesco a partir das possibilidades geradas pelo tratamento de Ad3o de forma anacr3nica para satirizar valores e comportamentos coevos. Fenger (1974), Covici (1993: 377-380) e Brodwin (“Extracts from Adam’s Diary” 274-275) descrevem ainda os di3rios em quest3o como “sophisticated folktales”, com3dias psicol3gicas e par3dias da busca cient3fica, enquanto Le Guin (xxxiv-xxxv) afirma, sobre o humor ‘ing3nuo’ desses di3rios: “the accessibility of Mark Twain’s humor to a child surely has much to do with the way he plays with language; the deadpan absurdities, the marvellous choices of words. [...] Adam’s diary is funny [...] because of the way Adam writes it.” A origem, os medos, as problem3ticas dom3sticas e as incertezas de ambos os cientistas-pais-lexic3grafos servem tamb3m o prop3sito de parodiar as rela3o3es, as aprendizagens e a natureza humanas, dentro e fora do Para3iso, enquanto sentimentos e representa3o3es do

g3nero s3o grafados pelas personagens b3blicas de forma intimista nos diversos contos em que Twain explora, de forma humor3stica, as possibilidades ficcionais do mito genes3ico e da invenç3o por parte de Ad3o e Eva da sua pr3pria formaç3o e humanidade.

¹ Relativamente ao contexto de publicaç3o das diversas narrativas, veja-se Updike (vii-xi, 93), que, tal como Baldanza (128), associa esses contos 3 vida familiar e dom3stica de Twain, aproximando Eve da mulher do Autor. Consulte-se tamb3m Wilson (93-100).

² As p3ginas dos textos de Twain por n3s indicadas s3o de *The Bible According to Mark Twain* (1996).

³ De acordo com Baetzhoid (“Eve Speaks” 263-264), 3 o ‘executor liter3rio’ de Twain, Albert Bigelow Paine, que d3 este t3tulo 3 narrativa inicialmente intitulada “Passage from Eve’s Diary” e que surge na sequ3ncia de “That Day in Eden”, igualmente um t3tulo da autoria de Paine. O *sketch* deveria fazer parte de uma colecç3o de que Bernard DeVoto publica excertos intitulados “Papers of the Adam Family” em *Letters from the Earth* (1962).

⁴ Sobre a religi3o na obra de Twain, vejam-se, entre outros: Harnsberger (1961), Frederick (1969), Emerson (“Mark Twain’s Quarrel with God” 32-48), Ensor (1982), Baetzhoid e McCullough (1996) e Wright (27-50).

⁵ Definimos intertextualidade como a relaç3o que dois ou mais textos estabelecem entre si ao n3vel da forma e do conte3do [*vide* Genette (7-16) e Allen (8-60, 76-88)].

⁶ Brodwin (“The Theology of Mark Twain” 167-189) e Wright (27-39) estudam a religi3o e a B3blia noutras obras de Twain, nomeadamente: *Notebooks*, *Letters from the Earth* e o artigo “Reflections on Religion”, publicado em 1963-1964 por Charles Neider na *Hudson Review* (332-352).

⁷ Sobre o jogo entre realidade, verosimilhança e ficç3o na diar3stica, veja-se Duyfhuizen (171-178).

⁸ Consultem-se Genette (229-230) e Field (1-3). Puga (“Os Guarda Chuvas Cintilantes” 500-512) define romance-di3rio como um romance iniciado *in medias res*, redigido na forma convencional do di3rio real, com um tom intimista e confessional, fruto da narraç3o intercalada em primeira pessoa no isolamento da privacidade, texto que geralmente n3o tem destinat3rio, ao contr3rio do que acontece no romance epistolar, e cuja funç3o 3 registar factos, temas do quotidiano, sentimentos, reflex3es e experi3ncias.

⁹ Conceito (*novelized*) de Mikhail Bakhtin (7, 10).

¹⁰ Russett (174) afirma que as manifestações do Naturalismo norte-americano vão desde “the simple use of animal metaphors to the acceptance of full-fledged philosophy of determinism”, afirmação à luz da qual poderemos interpretar quer as relações humanas iniciais entre Adão e Eva, quer o relacionamento do casal para com os animais, antes e após a Queda, bem como a representação do determinismo nos textos de que nos ocupamos.

¹¹ Sobre a relação da mulher com os “espelhos social e individual” da sua imagem, veja-se Meyers (35-72).

¹² O poder informal é o que a mulher tem e exerce a partir do espaço doméstico, nos bastidores da vida social e política, enquanto esposa, mãe/educadora, dona de casa, conselheira e mecenas cultural e religiosa [Alston (25) e Orr (9-15)].

¹³ Walker (28) recorda que Adão se aborrece com a tendência de Eva para o civilizar ao mantê-lo fora da relva e ao tentar que ele não desça as cataratas no barril: “In Humanizing the Genesis story by means of humor and of diary format, Twain does so in terms that reinforce Victorian concepts of gender differences”.

¹⁴ Sobre o darwinismo/determinismo na obra de Twain e na literatura norte-americana, temática de que não nos ocupamos, vejam-se: Horton e Edwards (153-180), Frederick (335), Russett (1976), Westbrook (1979), Krause, (ed.) (1964), Poole (201-215), Mitchell (1989) e Cuddy e Roche (9-58).

¹⁵ Sobre a representação desta figura bíblica na literatura norte-americana, vejam-se Quinones (1991) e Wright (51-68).

¹⁶ O termo *Bildungsroman* é cunhado por Karl von Morgenstern (1770-1852) em 1810, num curso por ele leccionado (“Ueber den Geist und Zusammenhang einer Reihe Philosophischer Romane”, 1816) e, sobretudo, em duas comunicações intituladas “Ueber das Wesen des Bildungsroman”, 1820 e “Zur Geschichte des Bildungsromans”, 1824, e não por Wilhelm Dilthey na sua biografia de Friedrich Schleiermacher, *Leben Schleiermachers* (Berlim, 1870), como durante muito tempo se julgou devido à maior projecção dos estudos deste último. Em 1824 Morgenstern define o romance de formação e destaca a sua função didáctica: “We said that we may call it the *Bildungsroman*, first, and primarily, on account of its content, because it represents the *Bildung* of the hero in its beginning and progress to a certain stage of completion; but also second, because just this depiction promotes the *Bildung* of the reader more than any other sort of novel” [traduzido por Todd Kontje (15-16)]. Sobre a definição, ainda não absolutamente consensual, de *Bildungsroman*, vejam-se também Swales (12-13), Shaffner (3-15), Martini (1-10) e Puga (*A World of Euphemism* 331-343).

¹⁷ Sobre a evolução do conceito de *Bildung* e as especificidades dos termos ‘formação’ e *Bildungsroman*, sobretudo no espaço anglófono, por comparação ao conceito original alemão, vejam-se Gohlman (21-31), Barney (26-29) e Jeffers (35-54). Sobre o conceito e o significado cultural e histórico específico de *Bildung* na Alemanha setecentista e oitocentista (baseado na noção religiosa e secular da formação como um processo interior; o potencial que o ser humano

tem para se desenvolver), vejam-se Cocalis (339-414), Luckacs (131), Redfield (46-59) e Minden (118-119).

¹⁸ Em “Autobiography of Eve”, Eva avalia a aprendizagem escolar dos filhos: “Cain and Abel are beginning to learn. Already Cain can add as well as I can [...]. Abel is not as quick as his brother [...]. With all Cain’s brightness he cannot learn to spell. [...] The ability to spell correctly is a gift; that it is born in a person, and is a sign of intellectual inferiority” (61).

¹⁹ Vejam-se Flora (131-132) e Jeffers (55-88), que define o conceito de “self-cultivation”.

²⁰ Vide Hardin (x-xiii) e Kontje (1-22).

²¹ Tamb3m Swales (17) afirma que o cont3udo do *Bildungsroman* se prende sobretudo com o percurso biogr3fico dos protagonistas e, embora a um n3vel mais reduzido, de outras personagens com eles intimamente relacionadas, no caso das chamadas *Adamic Tales*, os filhos de Ad3o e de Eva.

²² Pernot (9) define o subg3nero como o “roman de ceux qui ont vingt ans”, chamando-lhe romance de socializa33o. Redfield (vii-65) descreve o *Bildungsroman* como um subg3nero “fantasma” e estuda a sua ideologia est3tica (xii), pois o romance de forma33o narra a acultura33o/integra33o inicial de um *Self* espec3fico (Ad3o, Eva e filhos) na subjectividade de uma comunidade e posteriormente na subjectividade universal da humanidade (3den e mundo em geral).

²³ Esta defini33o 3 semelhante 3s apresentadas por diversos estudiosos do subg3nero, nomeadamente Witte (90), Hardin (i-ii) e Pascal (11), que apresenta o *Bildungsroman* como “the story of the formation of a character up to the moment when he ceases to be self-centred and becomes society-centred, thus beginning to shape his true self”, conceito alargado por Buckley (18) ao listar como temas principais do subg3nero: a inf3ncia, o conflito de gera333es, a sociedade de massas (presente em “Adam’s Soliloquy”), a busca de uma voca333o, a auto-forma333o, o amor como prova a ultrapassar e a presen3a da prov3ncia como espa3o de a333o, temas presentes nos textos de que nos ocupamos.

²⁴ Gohlman (31) afirma que o protagonista do romance de forma33o do s3culo XIX aprende atrav3s do exemplo e da imita33o de terceiros, observando e reagindo perante situa333es e pessoas, enquanto o protagonista do *Bildungsroman* do s3culo XX aprende atrav3s dos sentidos.

²⁵ Sobre este tema liter3rio na literatura norte-americana, veja-se Wright 69-84.

Obras Citadas

- Allen, Graham. *Intertextuality*. Londres: Routledge, 2001.
- Alston, Margaret. *Women on the Land: The Hidden Heart of Rural Australia*. Sidney: U of New South Wales P, 1995.
- Alter, Robert. *The Art of Biblical Narrative*. Londres: Allen and Unwin, 1981.
- Amrine, Frederick. "Rethinking the *Bildungsroman*." *Michigan Germanic Studies* 13:2 (1987): 119-139.
- Baetzhold, Howard G., Joseph M. McCullough e Donald Malcom. "Mark Twain's Eden/Flood Parable: The Autobiography of Eve." *American Literary Realism 1870-1910* 24/1 (1991): 23-38.
- . s. v. "Eve Speaks." *The Mark Twain Encyclopedia*. Ed. J. R. Lemaster e James D. Wilson. Nova Iorque: Garland Publishing, 1993. 263-264.
- . s. v. "Monument to Adam." *The Mark Twain Encyclopedia*. Ed. J. R. Lemaster e James D. Wilson. Nova Iorque: Garland Publishing, 1993. 522-523.
- Baetzhold, Howard G. e Joseph M. McCullough, eds. *The Bible According to Mark Twain: Irreverent Writings on Eden, Heaven, and the Flood by America's Master Satirist*. Nova Iorque: Touchstone, 1996.
- Bakhtin, Mikhail. *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Ed. Michael Holquist. Austin: U of Texas P, 2000.
- Baldanza, Frank. *Mark Twain: An Introduction and Interpretation*. Nova Iorque: Barnes & Noble, 1961.
- Barney, Richard A. *Plots of Enlightenment: Education and the Novel in Eighteenth-Century England*. Stanford: Stanford UP, 1999.
- Brodwin, Stanley. "Mark Twain's Masks of Satan: The Final Phases." *American Literature* 45 (1973): 202-227.
- . "The Humor of the Absurd: Mark Twain's Adamic Diaries." *Criticism* 14 (1972): 49-64.
- . "The Theology of Mark Twain: Banished Adam and the Bible." *Mississippi Quarterly* 29 (1976): 167-189.

---. s. v. "Extracts from Adam's Diary." *The Mark Twain Encyclopedia*. Ed. J. R. Lemaster e James D. Wilson. Nova Iorque: Garland Publishing, 1993. 273-275.

Buckley, Jerome Hamilton. *Season of Youth: The Bildungsroman from Dickens to Golding*. Cambridge: Harvard UP, 1974.

Budd, Louis J., ed. *Critical Essays on Mark Twain, 1867-1910*. Boston: G. K. Hall, 1982.

Carter, Everett. s. v. "Innocence." *The Mark Twain Encyclopedia*. Ed. J. R. Lemaster e James D. Wilson. Nova Iorque: Garland Publishing, 1993. 396-398.

Ceia, Carlos. *A Construção do Romance: Ensaio de Literatura Comparada no Campo dos Estudos Anglo-Portugueses*. Coimbra: Almedina, 2007.

Clemens, Samuel L. "Bible Teaching and Religion Practice." *The Complete Essays of Mark Twain*. Ed. Charles Neider. Garden City: Doubleday, 1963. 568-572.

Cocalis, Susan L. "The Transformation of *Bildung* from an Image to an Ideal." *Monatshefte* 70:4 (1978): 339-414.

Covici, Pascal. s. v. "Humor." *The Mark Twain Encyclopedia*. Ed. J. R. Lemaster e James D. Wilson. Nova Iorque: Garland Publishing, 1993. 377-380.

Cuddy, Lois A. e Claire M. Roche. "Introduction: Ideological Background and Literary Implications." *Evolution and Eugenics in American Literature and Culture 1880-1940: Essays on Ideological Conflict and Complicity*. Ed. Lois A. Cuddy e Claire M. Roche. Cranbury: Associated UP, 2003. 9-58.

Didier, Béatrice. *Le Journal Intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

Duyfhuizen, Bernard. "Diary Narratives in Fact and Fiction." *Novel* 19:29 (1986): 171-178.

Emerson, Everett H. "Mark Twain's Quarrel with God." *Order in Variety: Essays and Poems in Honor of Donald E. Stanford*. Ed. R. W. Crump, Newark: U of Delaware P, 1991. 32-48.

---. *Mark Twain: A Literary Life*. Filadélfia: U of Pennsylvania P, 2000.

Ensor, Allison R. *Mark Twain and the Bible*. Lexington: UP of Kentucky, 1969.

Eysturoy, Annie O. *Daughters of Self-Creation: The Contemporary Chicana Novel*. Albuquerque: U of New Mexico P, 1996.

Fenger, Gerald J. "The Perspectives of Satire in Mark Twain's Short Stories." Diss. Texas Christian U, 1974.

Field, Trevor. *Form and Function in the Diary Novel*. Londres: Macmillan, 1989.

Fiskin, Shelley Fisher. "Mark Twain and Women." *The Cambridge Companion to Mark Twain*. Ed. Forrest G. Robinson. Cambridge: Cambridge UP, 1995. 52-73.

Flora, Luísa Maria Rodrigues. "De Olhos Abertos para a Espiral dos Tempos: Aprendizagem do Romance de Doris Lessing." Diss. Faculdade de Letras da U de Lisboa, 1987.

Fokkelman, J. P., "Genesis." *The Literary Guide to the Bible*. Ed. Robert Alter e Frank Kermode. Cambridge: Harvard UP, 1990. 36-44.

Frederick, John T. *The Darkened Sky: Nineteenth-Century Novelists and Religion*. Notre Dame: U of Notre Dame P, 1969.

Genette, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

---. *Palimpsestes: La Littérature au Second Degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

Goad, Mary Ellen. *The Image and the Woman in the Life and Writings of Mark Twain*. Emporia: Kansas State Teachers College, 1971.

Gohlman, Susan Ashley. *Starting Over: The Task of the Protagonist in the Contemporary Bildungsroman*. Nova Iorque: Garland Publishing, 1990.

Goodman, Charlotte. "Women Novelists and the Male-Female Double *Bildungsroman*." *Transformations in Literature and Film: Selected Papers from the Sixth Annual Florida State University Conference on Literature and Film*. Ed. Leon Golden. Tallahassee: UP of Florida, 1983. 9-16.

Hardin, James N., ed. *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*. Columbia: U of South Carolina P, 1991.

Harnsberger, Caroline. *Mark Twain's Views of Religion*. Evanston: Schoni Press, 1961.

Harris, Susan K. *Mark Twain's Escape from Time: A Study of Patterns and Images*. Columbia: U of Missouri P, 1982.

Hendriksen, Jack. *This Side of Paradise as a Bildungsroman*. Nova Iorque: Peter Lang, 1993.

Horton, Rod. W. e Herbert W. Edwards. *Backgrounds of American Literary Thought*. Nova Iorque: Appleton-Century-Crofts, 1967.

Jeffers, Thomas L. *Apprenticeships: The Bildungsroman from Goethe to Santayana*. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.

Jeffrey, David Lyle., ed. *A Dictionary of Biblical Tradition in English Literature*. Grand Rapid: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1992.

Jost, François. "La tradition du *Bildungsroman*." *Comparative Literature* 21:2 (1969): 97-115.

---. *Introduction to Comparative Literature*. Indianapolis: Pegasus, 1974.

Kontje, Todd. *The German Bildungsroman: History of a National Genre*. Columbia: Camden House, 1993.

Krause, Sydney J., ed. *Essays on Determinism in American Literature*. Kent: Kent State U P, 1964.

Lacan, Jacques. "O Est3dio do Espelho como Formador da Fun3o do Eu." *O Sujeito, o Corpo e a Letra: Ensaio de Escrita Psicanal3tica*. Ed. AA. VV. Lisboa: Arc3dia, 1977. 18-28,

Lejeune, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: 3ditions Seuil, 1975.

Lemaster, J. R. e James D. Wilson, eds. *The Mark Twain Encyclopedia*. Nova Iorque: Garland Publishing.

Leseur, Geta. "The Afro-American and the Afro-Caribbean Female *Bildungsroman*." *The Black Scholar* 17:2 (1986): 26-33.

Le Guin, Ursula K. Introduction. *The Diaries of Adam and Eve*. By Mark Twain. Oxford: Oxford UP, 1996. xxxi-xli.

Lukacs, Georg. *La Th3orie du Roman*. Paris: Gallimard, 1989.

-
- Lynch, Anne C. *Poems by Anne C. Lynch*. Nova Iorque: George P. Putnam, 1849.
- Macnaughton, William. *Mark Twain's Last Years as a Writer*. Columbia: U of Missouri P, 1979.
- Macy, John. *The Spirit of American Literature*. Nova Iorque: Boni and Liverigert, 1913.
- Mallon, Thomas. *A Book of Own's Own: People and Their Diaries*. Saint Paul-Minnesota: Hungry Mind Press, 1995.
- Martens, Lorna. *The Diary Novel*. Cambridge: Cambridge UP, 1985.
- Martini, Fritz. "Bildungsroman: Term and Theory." *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*. Ed. James N. Hardin. Columbia: U of South Carolina P, 1991. 1-25.
- Mccullough, Joseph B. "Mark Twain's First Chestnut: Revisions in 'Extracts from Adam's Diary'." *Essays in Arts and Sciences* 23 (1994): 49-58.
- Merchant, Carolyn. *Reinventing Eden: The Fate of Nature in Western Culture*. Nova Iorque: Routledge, 2004.
- Meyers, Diana T. *Gender in the Mirror: Cultural Imagery and Women's Agency*. Oxford: Oxford UP, 2002.
- Minden, Michael. *The German Bildungsroman: Incest and Inheritance*. Cambridge: Cambridge UP, 1997.
- . s. v. "Bildungsroman." *Encyclopedia of the Novel* 1. Ed. Paul Schellinger. Londres: Fitzroy Dearborn, 1998. 118-122.
- Mitchell, Lee Clark. *Determined Fictions. American Literary Naturalism*. Nova Iorque: Columbia UP, 1989.
- Moffett, Todd e Tina Eliopoulos. "The Pathos of Unjust Profit: John Keeble's Portrait of the American West." *Science, Values, and the American West*. Ed. Stephen Tchudi. Reno: Nevada Humanities Committee, 1997. 55-80.
- Orr, Clarissa Campbell. Introduction. *Queenship in Europe 1660-1815: The Role of the Consort*. Ed. Clarissa Campbell Orr. Cambridge: Anglia Polytechnic U, 2004. 1-15.
- Paine, Albert Bigelow. *Mark Twain: A Biography*. Nova Iorque: Harper, 1912.

Pascal, Roy. *The German Novel: Studies*. Manchester: Manchester UP, 1956.

Pernot, Denis. *Le Roman de Socialisation 1889-1914*. Paris: P U de France, 1998.

Pinto, Carlota Maria Lourenço Almeida Miranda Dias. "A Cartilha do Aprendiz Insurrecto: *Auslöschung. Ein Zerfall*, de Thomas Bernhard, na (Des)continuidade do *Bildungsroman*." Diss. Faculdade de Letras da U Lisboa, 2002.

Poole, Stan. "In Search of the Missing Link: Mark Twain and Darwinism." *Studies in American Fiction* 13/2 (1983): 201-215.

Prince, Gerald. "The Diary Novel: Notes for the Definition of a Subgenre." *Nephilologus* 59:4 (1974): 477-481.

Puga, Rogério Miguel. "Os Guarda Chuvas Cintilantes: o Diário Ficcional de Teolinda Gersão e o Romance-Diário." *História(s) da Literatura: Actas do 1º Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas*. Ed. Maria da Penha Campos Fernandes. Coimbra: Almedina-Departamento de Estudos Portugueses da U do Minho, 2005. 500-512.

---. *A World of Euphemism: Representações de Macau na Obra de Austin Coates: City of Broken Promises enquanto Romance Histórico e Bildungsroman Feminino*. col. "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas". Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia-Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior/Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

Quinones, Ricardo. *The Changes of Cain*. Princeton: Princeton UP, 1991.

Quirk, Tom., ed. Introduction. *Mark Twain. Tales, Speeches, Essays, and Sketches*. Londres: Penguin Books, 1994. ix-xxx.

---. *Mark Twain and Human Nature*. Londres: U of Missouri P, 2007.

Raoul, Valerie. *The French Fictional Journal: Fictional Narcissism/Narcissistic Fiction*. Toronto: Toronto UP, 1980.

---. *Distinctly Narcissistic: Diary Fiction in Quebec*. Toronto: Toronto UP, 1993.

Redfield, Marc. *Phantom Formations: Aesthetic Ideology and the Bildungsroman*. Ithaca: Cornell UP, 1996.

-
- Rousset, Jean. *Le lecteur intime de Balzac au journal*. Paris: Librairie José Corti, 1986.
- Russet, Cynthia. *Darwin in America: The Intellectual Response 1865-1912*. São Francisco: W. H. Freeman, 1986.
- Sax, Benjamin C. *Images of Identity: Goethe and the Problem of Self-Conception in the Nineteenth Century*. Nova Iorque: Peter Lang, 1987.
- Sewell, David R. *Mark Twain's Languages: Discourse, Dialogue, and Linguistic Variety*. Berkeley: U of California P, 1987.
- Shaffner, Randolph P. *The Apprenticeship Novel: A Study of the "Bildungsroman" as a Regulative Type in Western Literature with a Focus on Three Classic Representatives by Goethe, Maugham, and Mann*. Nova Iorque: Peter Lang, 1984.
- Stoneley, Peter. *Mark Twain and the Feminine Aesthetic*. Cambridge: Cambridge UP, 1992.
- Swales, Martin. *The German Bildungsroman from Wieland to Hesse*. Princeton: Princeton UP, 1978.
- Twain, Mark. *Extracts from Adam's Diary Translated from the Original Ms by Mark Twain*. Edição ilustrada por F. Strothmann. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1904.
- . *The Diary of Adam and Eve and other Adamic Stories*. Londres: Hesperus P, 2002.
- . *The Bible According to Mark Twain: Irreverent Writings on Eden, Heaven, and the Flood by America's Master Satirist*. Ed. Howard G. Baetzhold e Joseph M. McCullough. Nova Iorque: Touchstone, 1996.
- Updike, John. Foreword. *Mark Twain. The Diary of Adam and Eve and other Adamic Stories*. Londres: Hesperus P, 2002. vii-xi.
- Wagenknecht, Edward. *Mark Twain: The Man and his Work*. Norman: U of Oklahoma P, 1961.
- Walker, Nancy. *The Disobedient Writer: Women and Narrative Tradition*. Austin: U of Texas P, 1995.
- Warren, Joyce W. s. v. "Eve." *The Mark Twain Encyclopedia*. Ed. J. R. Lemaster e James D. Wilson. Nova Iorque: Garland Publishing, 1993. 262-263.

Werge, Thomas. "Mark Twain and the Fall of Adam." *Mark Twain Journal* 15:2 (1970): 5-13.

Westbrook, Peter D. *Free Will and Determinism in American Literature*. Madison: Fairleigh Dickinson UP, 1979.

Wilson, James D. *A Reader's Guide to the Short Stories of Mark Twain*. Boston: G. K. Hall, 1987.

Witte, W. "Alien Corn: The 'Bildungsroman': Not for Export?" *German Life and Letters* 33 (1979-1980): 87-96.

Wright, Terry R. *The Genesis of Fiction: Modern Novelists as Biblical Interpreters*, Aldershot: Ashgate, 2007.

York, Anthony D. s. v. "Adam." *A Dictionary of Biblical Tradition in English Literature*. Ed. David Lyle Jeffrey. Grand Rapid: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1992. 15-21.